

Sentidos de resistência no discurso jornalístico inscrito na revista Caros Amigos

Lucília Maria Sousa Romão
Daiana de Oliveira Faria
Vivian Lemes Moreira

Introdução

*Ao invés de tomar a palavra,
gostaria de ser envolvido por ela e
levado bem além de todo começo possível.*
Michel Foucault

A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de tradição francesa, objetivamos analisar a materialidade discursiva da revista Caros Amigos, mídia representante da chamada imprensa alternativa no Brasil de hoje, marcando especialmente o modo como foram construídos e circularam sentidos sobre o episódio ocorrido em março de 2006 envolvendo o protesto de organizações da Via Campesina, dentre elas, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na empresa de papel e celulose Aracruz. Para tanto, tomaremos como objeto de análise o texto “*Haja cruz*” de José Arbex Jr., publicado na edição de número 109, da Revista Caros Amigos de abril de 2006, pois consideramos a voz desse órgão de imprensa um observatório interessante para a escuta do sentido e do sujeito, do político inscrito na linguagem.

Para dar conta desse intento, o escopo desse trabalho sustenta-se apoiado no conceito de discurso (Pêcheux, 1969), levando em conta que ele implica a idéia de “curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Orlandi, 2005: 15). O conceito de formação discursiva considera como os dizeres são determinados por disputas pelo poder tramadas na conjuntura sócio-

histórica, isto é, na trama das formações sociais em que estão postos os lugares de poder a serem (ou não) ocupados e permitidos de ocupar. Isso tem relação com o processo de interpelação ideológica, o que Pêcheux, (1969) chamou de formações ideológicas como o complexo do que pode e deve ser dito dentro de uma posição, ou seja, o que possibilita ao sujeito inscrever-se em uma dada formação discursiva e não em outra. Temos, a título de introdução, a assertiva de que para compreender o lingüístico, é necessário levar em conta o sócio-histórico e o ideológico.

Além do conceito de discurso, também mobilizaremos ao longo desse trabalho a noção de heterogeneidade, ou seja, o primado de que algo fala antes, de que há um atravessamento de várias vozes no dizer do sujeito. Ele constrói seu dizer inscrevendo sentidos já ditos em outros contextos sócio-históricos e, em sendo heterogêneo (Authier-Revuz, 1982), a voz do(s) outro(s) é constitutiva do dizer do sujeito, o que significa considerar que não existe um discurso homogêneo, tampouco que o sujeito seja uno, seja fonte de seus dizeres e dos sentidos que promove (Pêcheux, 1969). Cindido, enfeixado por vários dizeres e implicado por vozes anteriores, o sujeito pode ou não marcar a presença do outro em seu dizer, sobre isso veremos mais a seguir na discussão teórica e na análise.

Por fim, indicamos que a noção de memória discursiva ou interdiscurso é fundamental para alinhavarmos o discurso e a heterogeneidade em relação ao nosso estudo. Compreendendo-a não como traço cognitivo, nem como cronologia histórica, a memória discursiva apresenta-se como possibilidade do dizível, ou seja, como o saber que garante que “ao falarmos, nossas palavras façam sentidos. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (Orlandi apud Pêcheux, 1999: 64).

Nosso estudo pretende marcar como discurso, heterogeneidade e memória são recursos importantes para interpretar o funcionamento das palavras na mídia, já que “estudar a relação da mídia com a memória não é negar a autoridade do evento que é o foco da recordação, mas insistir na capacidade da mídia de construir um passado público, assim como um passado para o público” (Silverstone, 2002: 237). E falar em passado e presente, em relato e recordação, em emergência de um discurso e apagamento de outros, em autoridade do sentido dominante e resistência de sentidos tidos como marginais abre espaço para esmiuçar pilares teóricos da teoria discursiva; e é isso que faremos a seguir.

Os movimentos do sujeito e do(s) sentido(s)

No tempo atual sempre se repete em filigrana algo de uma relação com o tempo passado.

Françoise Dolto

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa proposta por Pêcheux (1969) surge como disciplina de entremeio na tentativa de compreender os mecanismos

discursivos que sustentam a produção histórica dos sentidos e os modos de inscrição do sujeito na linguagem, ou seja, ela propõe uma forma de reflexão sobre a linguagem que “aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito”, o que a constitui como a “arte de refletir nos entremeios” (Orlandi, 2002: 53). Nesse sentido, a AD concebe a linguagem a partir da sua relação com a história, tendo como objeto o discurso, lugar onde se dá e se materializa essa relação; com isso, ela problematiza as formas de leitura, levando em consideração a opacidade como inerente à linguagem. Ao fazer esse deslocamento, ela instiga novas formas de significação que cotidianamente não seriam notadas a “olho nu”, ou seja, propõe a des-construção do óbvio e evidente e passa a reclamar a interpretação do lingüístico e do histórico, ideologicamente determinados.

A partir de agora, iremos percorrer sobre os conceitos de memória discursiva, formação discursiva, heterogeneidade e discurso jornalístico para, posteriormente, analisarmos os recortes do nosso *corpus*. O primeiro deles é definido como saber discursivo, como matéria fundante da linguagem, isto é, não há discurso sem memória e essa memória é sempre retomada, deslocada e atualizada a cada dizer; dessa forma, estamos diante de uma superfície que reúne todos os sentidos que já circularam e já foram ditos e também aqueles esquecidos, apagados ou impossíveis de dizer, todos eles são condição do dizível e determinam os discursos. Segundo Orlandi (2005: 31), a memória discursiva é o “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

A memória supõe que algo fala antes e já foi inscrito na história de algum modo, tornando possível a toda formação discursiva (FD) fazer circular formulações anteriores, já enunciadas, sob a forma de repetição do mesmo ou sob o modo de ruptura do diferente. Isto implica dizer que, embalado pela tensão de dizer, o sujeito ancora-se em redes de memória para enunciar, mas o faz de modo sempre particular podendo repetir parafrasticamente sentidos que já estão legitimados ou inscrevendo, nas brechas deles, o efeito de resistência. De acordo com Maingueneau (1993: 115) “toda formação discursiva é associada a uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações”, o que chamamos de formação discursiva (FD) em um texto e a projeção, na linguagem, das formações ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito dentro de uma formação social.

Isso seria justamente admitir que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido (...) as palavras, expressões e preposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem (Pêcheux, 1998: 263).

Ao abordarmos o conceito de discurso, não o entendemos como mensagem ou informação tal qual o esquema ditado pelas teorias comunicacionais em que estão dispostos os papéis de emissor, referente, receptor e canal; mas sim apresentá-lo como efeito de sentidos entre os interlocutores, melhor dizendo, como efeito de sentidos entre os sujeitos ao/do discurso (Pêcheux, 1969). Nesse sentido, levamos em conta o curso do movimento dos sentidos e sujeitos, que, longe de serem livres, estão atrelados a relações tensas de poder, saber e dizer tramadas no bojo social. Segundo Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2005: 10).

Posto isso, podemos dizer que o discurso jornalístico é uma forma de discurso sobre, uma vez que, conforme Mariani (1998: 61), ele “coloca o mundo como objeto”. O discurso jornalístico é o responsável pela circulação das notícias que se tornam referentes imaginariamente confiáveis da realidade social, contribuindo para a construção de imagens, valores e crenças. Segundo Romão (2002: 243): “O discurso jornalístico mereceria crédito, justamente porque sua voz genérica sinaliza dizeres que parecem tão verdadeiros, que se tornam lei”. O dizer da imprensa, ao fabricar relatos, valores e crenças, torna-se porta-voz ideário da sociedade e fiscal do poder público, tendo como destaque o fortalecimento da publicidade e do entretenimento como fator de seu desenvolvimento (Moraes, 1998). Entendemos, assim, o discurso jornalístico constantemente retroalimentado de/pelos relatos já ditos (Mariani, 1998), o que corresponde a dizer que ele retoma, desloca, repete e reordena regiões de memória promovendo a circulação de dizeres, tidos como notórios e importantes para todos, úteis e dignos de serem relatados além de passíveis de credibilidade.

Assim, temos o “movimento de resgate da memória e de estabelecimento do imaginário de uma identidade social” (Gregolin, 2003: 96), em que o arquivo midiático passa a ser um verdadeiro dispositivo produtor de identidades, subjetividades e singularidades a partir da mobilização, recorte e repetição de redes de memórias. Com isso, podemos dizer que o discurso jornalístico contribui para a produção de representações e imagens, tidas como legítimas, e também para a sedimentação de um efeito de passado no presente a ser mantido como verdadeiro, influenciando, assim, a edificação e a sustentação de uma memória de/para o futuro.

Ao mobilizarmos o conceito de discurso jornalístico, gostaríamos de fazê-lo em relação ao suporte eletrônico. Neste âmbito, vale ressaltar que os enunciados divulgados na rede não precisam, necessariamente, ser mediados por um editor ou órgão de censura. É assim que a teia eletrônica faz circular sentidos de maleabilidade e relativa autonomia para o sujeito-autor, sem o caráter restritivo e burocrático impostos pelos cartéis midiáticos em que uma voz aglutina e seleciona várias outras.

Os arquivos construídos na internet

(...) são arquivos que podem ser alimentados diariamente e que se caracterizam pela fluidez, pela possibilidade de sempre ser outro. São arquivos que se constituem de modo aberto, passíveis de desconstrução, e cuja natureza define-se pela própria estrutura fluida e não-linear da internet, pela estrutura em teia (Dias apud Brum-de-Paula, 2005: 45).

Embora não seja o foco desse trabalho, anotamos que é nesse contexto que a teia eletrônica impulsiona novas maneiras de constituir e fazer circular discursos, promovendo, dessa forma, a emergência de sentidos dissonantes daqueles presos ao suporte impresso. Temos observado isso em relação à textualização de sujeitos-jornalistas que mantêm, em seus blogs, dizeres mais ácidos ou críticos se comparados àqueles publicados na mídia convencional.

O caráter hipertextual da *world wide web* propõe novos percursos, repletos de atalhos e desvios (Romão, 2005), nos quais existem brechas para/de dizer de outro modo sobre os acontecimentos, enfim, de tecer os relatos jornalísticos. Como coloca Moraes (2001: 125) “o ambiente tendencialmente interativo, cooperativo e descentralizado da Internet, introduz um componente criativo nas lutas sociais”. É neste âmbito que caracterizaremos o discurso promovido pela revista Caros Amigos (também em seu suporte eletrônico), considerando que ela enuncia de um lugar diferente, visto que se trata de uma publicação mensal, mantida apenas pela receita das vendas em banca, de publicidade e das assinaturas, além de ser dirigida por um grupo de jornalistas e não de empresários.

A revista é considerada hoje como representante da imprensa dita “alternativa” na medida em que promove a circulação de sentidos dissonantes daqueles impostos pela chamada “grande imprensa”; assim, marca uma espécie de síntese das experiências já ditas pela imprensa alternativa dos anos 1970. Idealizada pelos jornalistas Sergio de Souza e José Carlos Marão, ambos vindos da revista Realidade (um dos primeiros intentos de uma imprensa alternativa no Brasil), Caros Amigos “é uma recriação criativa, inovadora e recontextualizada das experiências e propostas consagradas na década de 70 pela imprensa alternativa e independente” (Pereira Filho, 2004: 29). Desde sua origem, discursiviza o anseio de proporcionar aos seus leitores um jornalismo interpretativo e cidadão, assim, ela representa, na imprensa brasileira, uma outra possibilidade de leitura e interpretação dos fatos do mundo, edificando-se a partir da inscrição histórica dos sentidos de resistência no jornalismo, quais sejam, em aqueles em que pese a desautorização do sentido dominante legitimado como único possível de ser dito.

Assim, trabalhar com esse discurso sublinha a importância de levar em conta a noção de heterogeneidade, dada por Authier-Revuz (1982), em que o outro é constitutivo da linguagem e da voz do sujeito. Considerando que não existe um discurso

homogêneo ou uno e que a emergência do sujeito na linguagem não significa que ele seja a origem e fonte dos sentidos e dos dizeres, a autora postula eterno atravessamento e a inevitável presença do outro no discurso do sujeito, considerando-a em duas formas de heterogeneidade. A heterogeneidade mostrada inscreve essa presença do outro no discurso a partir de manifestações explícitas de alteridade, nesse caso, ela pode ser marcada e não-marcada. A forma marcada é da ordem da enunciação, visível na materialidade lingüística e pode ser vista através de citações realizadas na ordem direta no discurso, um exemplo a ser citado é o emprego de aspas e negrito ou itálico na escrita. Já a forma não-marcada é da ordem do discurso, sendo caracterizada como a diluição da fala do outro em sua fala, como o discurso indireto livre e a ironia, assim, a presença da alteridade não é revelada de forma explícita no discurso. A heterogeneidade constitutiva do discurso não é marcada em superfície e sua alteridade não é revelada, permanecendo no plano interdiscursivo, caracterizando-se como o processo constitutivo da própria formação discursiva.

Os postulados teóricos postos até aqui nos são caros ao analisarmos o modo de produção, constituição e circulação dos sentidos promovidos pelos dizeres da revista Caros Amigos, especialmente se observarmos os relatos sobre o episódio ocorrido entre a empresa Aracruz e os movimentos MST e Via Campesina. No caso, a revista publicou o texto opinativo “Haja cruz” do jornalista José Arbex Jr, um dos editores da revista, que teve grande repercussão em vários *sites*, *links*, *blogs* e páginas da rede eletrônica, espalhando-se velozmente e fazendo circular e condensar sentidos muito dissonantes de outros relatos da chamada grande imprensa. Assim, enfatizamos que, na nossa análise, iremos investigar a produção e o percurso dos sentidos de resistência no discurso jornalístico da Caros Amigos, flagrando os deslizamentos e rupturas do discurso dominante, apontando as marcas de heterogeneidade e rastreando, tanto quanto possível, as zonas de memória sustentadoras deste dizer; enfim, buscaremos as marcas discursivas dos conceitos mobilizados até aqui.

Alguns sentidos para “Haja cruz”

se calarmos, as pedras gritarão
Pedro Tierra

Buscamos a partir de agora analisar discursivamente o texto “Haja cruz”, escrito por José Arbex Jr. e publicado na revista Caros Amigos em sua edição de número 109, de abril de 2006. No título “Haja cruz”, o sujeito-autor empresta sentidos já falados e sustentados pelo interdiscurso, isso porque tal expressão, muito repetida em enunciados cotidianos, implica uma exclamação de desabafo em relação a algo do qual se está cansado de se ver repetir. O significante “Haja” instala os sentidos de exaustão somada à revolta e indignação perante abusos cometidos, no caso, pela em-

presa Aracruz. O sintagma “cruz” também remete o leitor a uma memória caudatária já falada em outros contextos sócio-históricos, atualizando sentidos que se faz de/ sobre cruz, no caso, tornando presente o efeito de sacrifício dado pela repetição da narrativa religiosa da crucificação de Jesus Cristo, que é obrigado a carregar a própria cruz, sendo depois nela pregado até morrer. Assim, o emprego desse significante não é neutro, mas apóia-se em redes de filiações dos sentidos, instalando tanto efeitos de cansaço quanto de castigo. Marcamos também que Aracruz é deslocado foneticamente, por um efeito de semelhança e aproximação, para “Haja cruz”, o que abre outro campo semântico e sustenta o deslizamento de sentidos do nome próprio da empresa para uma marca depreciativa sobre a mesma.

20 de janeiro, 2006: pelo menos 120 agentes da Polícia Federal, incluindo um destacamento do Comando de Operações Táticas, de Brasília, todos armados, disparam bombas de efeito moral e balas de borracha contra os habitantes das aldeias Córrego D’Ouro e Olho D’Água dos povos tupiniquim e guarani, e finalmente tocam fogo em suas casas. O ataque, fulminante, aterroriza e destrói as duas aldeias; oito de seus líderes são presos, dezenas de seres humanos saem feridos. A ação, realizada no município de Aracruz (ES), cumpre liminar concedida à empresa Aracruz Celulose pelo juiz federal Rogério Moreira Alves, da Vara Federal de Linhares, no dia 7 de dezembro. Detalhe: na operação, os policiais usam um helicóptero e maquinário da empresa, conta o jornalista Cristiano Navarro, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), no jornal Brasil de Fato.

Expressões como “todos armados”, “disparam bombas”, “contra”, “tocam fogo”, “o ataque fulminante”, “aterroriza”, “destrói”, “dezenas de seres humanos saem feridos” promovem a filiação deste discurso à formação discursiva (FD) na qual a Aracruz é posta na posição de vilã e os índios na posição de vítimas, marcados pela violência e pelo sofrimento. A expressão “os policiais usam um helicóptero e maquinário da empresa” instala o egeito de abuso de autoridade e de poder, pois ao fazer uso de helicóptero e maquinário da empresa está posta uma assimetria de poderes existente entre, de um lado, a Aracruz juntamente com a polícia, e os índios, de outro lado.

A marca discursiva “conta o jornalista Cristiano Navarro” apresenta a heterogeneidade como marca de alteridade posto que temos aqui um parecer sobre um relato já dado e contado em outro lugar que aqui precisa ser trazido e dito como prova de realidade. A colocar em jogo a voz do outro, no caso, do jornalista citado, o sujeito pontua um discurso relatado que faz circular, na sua voz, a citação de um relato tido como confiável e merecedor de circulação. Temos, nesse movimento, o permanente jogo de empréstimos e retomadas constitutivos do discurso midiático,

já que o jornalista precisa revelar a fonte de suas informações, coleta depoimentos e os cita como efeitos de realidade.

8 de março, 2006. Cerca de 2 mil mulheres da Via Campesina – Brasil, ligadas ao MST, ocupam uma área da empresa Aracruz Celulose, em Barra do Ribeiro (RS). Ali acontece a 2ª Conferência Internacional sobre Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural da FAO (agência das Nações Unidas para a Agricultura). As mulheres destroem o laboratório da transnacional e milhões de mudas de eucalipto, incluindo aquelas desenvolvidas em pesquisas.

As marcas temporais – “20 de janeiro, 2006”, “8 de março, 2006” –, identificadas ao longo do texto, promovem um efeito de veracidade aos fatos, pois ambos possuem dia e mês confirmados, estão datados e são passíveis de descrição de dia, mês, hora, enfim, da data exata do acontecimento. Temos aqui mais uma das estratégias recorrentes no discurso jornalístico que encerra dar ao leitor a cronologia e os dados exatos do fato, localizando-os para quem não esteve lá e não pôde ver; assim, tais marcas possibilitam ao leitor uma suposta localização na ordem dos acontecimentos. Neste caso, a narrativa cronológica nos permite interpretar que, no primeiro relato temos uma violência belicosa e bestial contra índios ao passo em que, no segundo, temos uma conferência (o que implica considerar um estatuto de militância e estudo) e também ação de ocupação feita por mulheres, o que promove um deslizamento do sentido de violência para o campo da luta política.

A mesma mídia que, em janeiro, noticiou de forma bastante rápida, superficial e corriqueira a ação ilegal da Polícia Federal subsidiada pela Aracruz Celulose, agora monta um estardalhaço imenso contra o MST. Às já tradicionais e cansadas acusações de “subversão” e “violência”, somam-se agora as de “barbarismo”, “inimigos da ciência”, “anacrônicos” e “obsoletos” – semelhantes aos argumentos utilizados pelos defensores dos transgênicos. As mulheres do MST são descritas como uma espécie de re-edição do movimento ludita. Curiosamente, tal discurso pretensamente favorável ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia chega a seduzir uma parte importante da classe média, incluindo muitos que, normalmente, são simpáticos ao movimento.

Ao retomar o “movimento ludita”, o sujeito constrói o seu dizer retomando a memória discursiva sobre o que foi este movimento, que representou uma insurreição contra as mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial, na qual os trabalhadores faziam reclamações contra as máquinas e a substituição da mão-de-obra humana. Ou seja, não se trata de uma palavra solta, mas de um significante

que retoma redes de filiações de sentidos que já circularam em outros contextos sócio-históricos.

Na formulação que se segue “Às já tradicionais e cansadas acusações de ‘subversão’ e ‘violência’, somam-se agora as de ‘barbarismo’, ‘inimigos da ciência’, ‘anacrônicos’ e ‘obsoletos’ – semelhantes aos argumentos utilizados pelos defensores dos transgênicos”, encontramos marcas de heterogeneidade, pois ao usar significantes entre aspas, o sujeito recupera significantes que circularam na formação discursiva (FD) dominante da mídia cartelizada. Mas, ao emprestar, o autor os desloca para inscrever um efeito de crítica em relação a eles e não para repeti-los parafrasicamente do mesmo modo como circularam. Isso nos permite interpretar que tal empréstimo promove a emergência do discurso do outro, o qual o sujeito conhece, mas, sobretudo, serve para desautorizar a posição política deste outro, aqui zombado pelos absurdos que enuncia. Ao atualizar esta rede de sentidos, os leitores são provocados a interpretar, pelo avesso, o que está posto e repetido pela grande mídia.

1. Cada pé de eucalipto, árvore da qual se extrai a celulosa é capaz de consumir 30 litros de água por dia. As raízes do eucalipto penetram nos lençóis freáticos, prejudicando o abastecimento de água de regiões inteiras. Onde são plantados, os eucaliptos tornam a terra estéril, imprópria para qualquer outro cultivo, o que causa também um desastre ambiental de grandes proporções. Não por acaso, as plantações de eucalipto são chamadas de “deserto verde”.

Temos aqui várias formulações que instalam o efeito de denúncia em relação à Aracruz, como exemplo citamos: “prejudicando o abastecimento de água de regiões inteiras”, “os eucaliptos tornam a terra estéril, imprópria para qualquer outro cultivo”, “desastre ambiental de grandes proporções”. Todas elas vão construindo uma cadeia de significados da destruição e depredação ocasionados pela monocultura intensiva de eucalipto, compondo a sinfonia da devastação ambiental. O sujeito coloca em discurso outros modos de dizer sobre a Aracruz, não como promotora da ciência, mas como destruidora da terra, o que dialoga com os efeitos de violência já falados anteriormente. As duas formas de violência – a física em relação a comunidades indígenas – e a avassaladora em relação ao meio ambiente combinam-se reforçando os efeitos de cruz, “Haja cruz”. Como é recurso de praxe no dizer jornalístico, o sujeito-autor faz uso também de estatísticas, que dão maior veracidade ao acontecimento; assim, ao dizer 30 litros ou 50 mil hectares, o sujeito instala um efeito de comprovação dos fatos relatados com números, isto é, com algo que prova de fato o que vem ocorrendo.

2. Os efeitos desastrosos do “deserto verde” são sentidos na pele pelas populações dos Estados do Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais, e amplamente

denunciados por ambientalistas e cientistas agrônomos. Apesar disso, há agora um interesse econômico em disseminar a plantação de eucaliptos no Rio Grande do Sul (onde a Aracruz já tem 50 mil hectares plantados), por ser aquela região alimentada pelo aquífero Guarani, o maior lençol freático do planeta. Qual será o impacto sobre o aquífero? Ninguém sabe ao certo. Mas o tradicional pampa gaúcho será ameaçado de extinção.

A marca discursiva “tradicional pampa gaúcho” retoma redes de filiação dos sentidos sobre o que é o pampa gaúcho como região não apenas física e geográfica, mas como região com traços econômicos e culturais bastante peculiares, dentre eles, o trabalho com culturas mais mistas, com o trabalho ligado à mão-de-obra familiar e com propriedades de porte médio. O leitor precisa ter acesso ao interdiscurso sobre essa região para que possa compreender e significar tal ameaça da destruição.

É preciso, portanto, desmontar o “discurso pró-ciência e tecnologia”, e perguntar a quem a sua aplicação beneficia. As mulheres do MST não são luditas. Não são contrárias nem à ciência nem à tecnologia. Mas lutam em defesa de um país limpo, sadio, justo e soberano. A mídia vassala do império não suporta nada disso.

Neste recorte, o sujeito desmonta a cadeia de sentidos da FD dominante, na qual as mulheres da Via Campesina são caracterizadas como luditas e contrárias à ciência e tecnologia; desse modo, refere-se a elas como “guerreiras” da pátria, lutando coletivamente por um país mais justo, pela não-destruição da terra, pela preservação do pampa e pela defesa da vida. Ao marcar ser a grande imprensa “vassala do império”, atualizam-se sentidos do que foi a vassalagem na Idade Média, outro momento em que o leitor precisa ter acesso à memória discursiva sobre o sistema no qual o indivíduo denominado vassalo jurava ao seu senhor fidelidade absoluta, trabalho servil e a obediência cega sem abrir possibilidades de ruptura com o modo de produção que o aprisionava. Aqui temos mais uma vez a exterioridade – efeito de memória – inscrevendo o que já foi falado em outros contextos sócio-históricos, retomando sentidos já-lá, fazendo circular, sob o efeito da atualização, um já-dado.

Observamos que, como a linguagem é um jogo dinâmico e dialético, os sentidos retornam e, ao mesmo tempo, deslizam, promovendo fissuras na memória e desarrumando o estabilizado, assim, é possível interpretar tal recorte como o efeito de crítica e denúncia em relação à mídia, já que mesmo depois de séculos terem se passado, ela continua a manter-se subserviente na trama das relações de poder. Dessa forma, a “mídia vassala do império” não pode autorizar-se a questionar e desafiar o poder instituído, não suporta reclamar a justiça nem a soberania, não tem outra cantilena que não a poder vigente. Considerando o caráter alternativo da revista, na

///

qual foi instalado este discurso, a Caros Amigos, tais sentidos ganham ainda mais tom de acidez e denúncia.

Poder dizer de outro modo: voz e lugar de resistência

*ninguém vai me acorrentar
enquanto eu puder cantar*
Chico Buarque

Apoiadas nos pressupostos teóricos da teoria discursiva – em particular na noção de memória e heterogeneidade – observamos o funcionamento do discurso jornalístico instituído pela revista Caros Amigos em relação ao episódio da Aracruz. Com base no trabalho de análise de recortes da textualização “Haja cruz”, de autoria de José Arbex Jr., inferimos que esta publicação promove a circulação de sentidos dissonantes daqueles impostos pela chamada “grande imprensa”. Assim, instaura a possibilidade de ruptura com os sentidos colocados em curso pela formação discursiva (FD) dominante em relação aos movimentos sociais do campo e suas estratégias de luta política, dando voz àqueles que geralmente são falados como algozes da violência.

Lucília Maria Sousa Romão
Professora da USP (FFCLRP)

Daiana de Oliveira Faria
Aluna da USP (FFCLRP)

Vivian Lemes Moreira
Aluna da USP (FFCLRP)

Referências bibliográficas

- ARBEX JUNIOR, José. Haja cruz. *Caros Amigos*, n. 109, abr. 2006. Mensal. Disponível em: <www.carosamigos.com.br>. Acesso em: 25 out. 2007.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: Fala Múltipla - Aspecto Retórico, Lógico, Enunciativo e Dialógico. *Revue de Linguistique*. Centre de Recherche De l' Université de Paris VIII. Paris, 1982.
- BRUM-DE-PAULA, M. R. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005.
- FARO, J. S. *Realidade, 1966 - 1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. 1996. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 1996.

- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GREGOLIN, M. R. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- MARIANI, B. *O PCB e a imprensa*. Campinas: Editora da Unicamp/Editora Revan, 1998.
- MORAES, D. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: Dp&a, 2001.
- MORAES, D. *Planeta Mídia - tendências da comunicação na era global*. Campo Grande: Letra livre, 1998.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, M. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999
- PECHEUX, M. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1988
- PEREIRA FILHO, F. J. B. *Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil*. São Paulo: Anna Blume, 2004.
- ROMÃO, L. M. S. *O litígio discursivo materializado no MST: a ferida aberta na nação*. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 310 p. (Tese de doutorado), 2002.
- _____. Um estudo sobre o discurso na era digital. Revista do GELNE (UFC), v. 7, p. 49-60, 2005.
- SILVERSTONE. R. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Resumo

Buscamos discutir, à luz da Análise do Discurso francesa, o funcionamento do discurso jornalístico como efeito de resistência em uma publicação considerada de mídia alternativa. Baseadas nos conceitos de memória e heterogeneidade, investigamos um *corpus* constituído por recortes do texto “Haja cruz”, escrito por José Arbex Jr. e publicado na revista Caros Amigos sobre o episódio envolvendo a empresa Aracruz e os movimentos de luta pela terra ligados à Via Campesina, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Palavras-chave

Discurso; Memória; Heterogeneidade; Revista Caros Amigos; Aracruz; MST.

Abstract

We looked for to discuss, to the light of the Analysis of the French Discourse, the operation of the journalistic speech as resistance effect in a considered publication of alternative media. Based on the concepts of memory and heterogeneity, we investigated a corpus constituted by cuttings of the text there is “Cruz”, written by José Arbex Jr. and published in the Magazine Caros Amigos on the episode involving the company Aracruz and the fight movements for the earth called Via Campesina, among them the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Key-words

Discourse; Memory; Heterogeneity; Magazine Caros Amigos; Aracruz; MST.